NEVE

Núcleo de estudos vikings e escandinavos

Notícias Asgardianas

5

Destaques desta edição:

Espadas na Era Viking

Entrevista com Neil Price

BOLETIM DO NÚCLEO DE ESTUDOS VIKINGS E ESCANDINAVOS N.5 (NOVA SÉRIE), JUNHO/OUTUBRO DE 2013

ISSN: 1679-9313

NOTÍCIAS ASGARDIANAS N. 5, **ISSN: 1679-9313, NOVA SÉRIE.**

BOLETIM DO NÚCLEO DE ESTUDOS VIKINGS E ESCANDINAVOS

SUMÁRIO

- Editorial: pg. 3.

- Entrevista com *Neil Price*, arqueólogo e especialista em Era Viking: pg. 5.

- Ensaio: *As espadas Ulfberht, a lendária espada viking*: pg. 12.

- Resenha: pg. 18

- Notícias de estudos escandinavos: pg. 21.

- Notícias de Arqueologia Escandinava: pg. 29.

- Notícias de outros grupos*:* pg. 34.

Imagens desta edição:

- Capa: monumento Sverd i Fjell, localizado em Hafrsfjord, próximo a cidade de Stavanger na Noruega.

- Odin bebe do poço de Mimir, ilustração de Willy Pógany para o livro "The Children of Odin" de Padraic Colum, 1920, pg. 3.

- Machado com detalhes em prata no estilo Mammen construído em torno do fim século X.

EDITORIAL

Enfim chegamos a nossa quinta edição. Conforme a rotina de publicações, estamos apresentando conteúdo exclusivo aos nossos leitores, além de uma seleção de notícias arqueológicas relevantes ao mundo escandinavo da Era Viking.

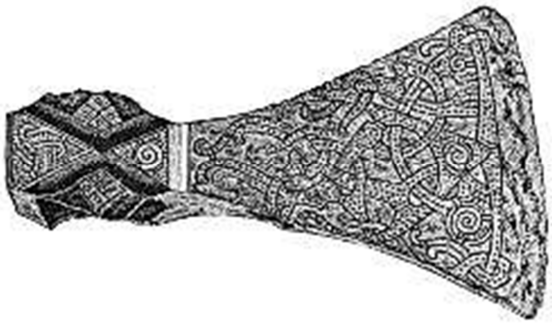
Começamos com uma excelente entrevista do arqueólogo Neil Price sobre temas relevantes as suas palestras em torno do pensamento na Era Viking. Seguimos com o ensaio de André Araújo de Oliveira que escreve sobre o lugar da espada na sociedade escandinava, em especial um tipo conhecido como ULFBERHT pelas inscrições achadas em um dos seus expoentes arqueológicos.

Asseguramos assim um importante diálogo entre a produção acadêmica e o vasto público lusófono interessado em temas escandinavos, em geral àqueles que estão conectados a Era Viking que é tão bem quista pelo nosso público. A quinta edição do *Notícias Asgardianas* vai de encontro ao interesse de incentivar a produção do conhecimento do tema nórdico medieval entre o

público de língua portuguesa, justamente pela raridade de publicações sobre o tema na língua anteriormente citada e uma falta de comunicação entre os meios de produção de conhecimento especializado no tema e os leitores em geral.

Desejamos a todos uma boa leitura de mais um número de nosso periódico.

Ms. Pablo Gomes de Miranda



ENTREVISTA

Entrevista com Neil Price, arqueólogo e especialista em Era Viking

O artigo publicado em 19 de Setembro pela Ithaca Times é baseado nessa entrevista.

Entrevista feita por Bill Chaisson com Neil Price, professor de arqueologia da Universidade de Aberdeen, Escócia, que realizou três apresentações denominadas "The Viking Mind" durante a Messenger Lectures que ocorreram em 25, 26 e 27 de Setembro de 2012 na Universidade de Cornell.

Bill Chaisson: *De acordo com o verbete de Wikipedia sobre a Messenger Lectures: O propósito da serie é "proporcionar um ciclo de palestras sobre a evolução das civilizações, com o principal objetivo de elevar os padrões morais de nossa política, economia e vida social". O primeiro ciclo foi apresentado em 1925 pelo arqueólogo James Henry Breasted. Como sua pesquisa pretende lidar com esses objetivos morais?*

Neil Price: Minhas pesquisas trabalham essencialmente com as condições humanas– as antigas e familiares questões sobre nossa existência e seus significados, perguntas que todos nos fazemos em algum ponto de nossas vidas– contudo as direcionando a um contexto histórico especifico e tentando recuperar a perspectiva dos povos Vikings sobre a morte. Toda cultura busca suas próprias respostas sobre as perguntas eternas, incluindo as questões sobre a moralidade, penso que sempre podemos aprender novas coisas ao refletir sobre as atitudes de outros povos frente a essas mesmas questões que ainda nos fazemos hoje em dia. No caso dos Vikings, suas compreensões sobre a realidade

eram muito, muito diferente das nossas, em aspectos fundamentais e por vezes em aspectos surpreendentes que podem inesperadamente resoar atualmente sobre o publico. Essa "Mente Viking" (Viking Mind) é o tema de minhas palestras em Cornell: Eu vou tratar sobre como os Vikings se compreendiam, e como eles viam e compreendiam o mundo no qual habitavam.

Bill Chaisson: *Você é conhecido mais pelos seus trabalhos sobre o que poderíamos chamar de "A perspectiva dos Vikings" do que pelo estudo de suas culturas materiais. Quais experiências levaram você a essa linha de pesquisa?*

Neil Price: Sou certamente interessado em cultura material, mas em seu significado e contexto social mais do que no estudo simples dos objetos. Quando estudei pela primeira vez os Vikings em minha pós-graduação há aproximadamente 30 anos atrás eles ainda eram compreendidos essencialmente como bárbaros, embora esse termo fosse a partir desse momento saindo de moda. As artes, tecnologias, construções, embarcações e tantos outros feitos dos Vikings passaram a ser compreendidos como espetaculares, certamente, mas ainda como algo basicamente bruto em sua concepção. Mesmo naquela época eu achei a cultura viking muito sofisticada, e parecia obvio para mim que ideias e símbolos complexos se encontravam por trás dos objetos altamente decorados que as tornaram famosas ao publico de hoje. Essa perspectiva é reforçada pela leitura das narrativas mitológicas Nórdicas, que formam uma das mais ricas tradições imaginativas da cultura mundial (Tolkien baseou-se em muitas dessas narrativas, por exemplo), assim como um dos sistemas religiosos mais interessantes e intrigantes que já existiram. No inicio de 1990 comecei também a viajar por toda a Escandinávia, e as paisagens selvagens do norte foram uma revelação para mim (eu venho da parte urbana ao sul de Londres) providenciando um vivido fundo de ideias e objetos que havia estudado apenas em museus e livrarias. Ao mesmo tempo achei que outros pesquisadores chegavam independentemente às mesmas conclusões que eu, e hoje eu sou apenas mais um de muitos pesquisadores que trabalham com os aspectos cognitivos dos povos Vikings.

Bill Chaisson: *Você pode descrever o papel das mulheres nas praticas xamânicas da Escandinávia?*

Neil Price: A muito tempo pensa-se que certos aspectos das praticas Vikings de feitiçaria e magia (por falta de um termo mais apropriado) se assemelham com o que tem sido chamado em outros locais de xamanismo, focando em um mundo animado por espíritos que podem ser contatados pelos seres humanos através de ritos especiais. Os antigos escritos nórdicos deixaram muito claro para nos pesquisadores a ideia de que era apropriado para as mulheres a pratica desses tipos de magia, e que os homens que as praticavam adquiriam nada mais do que desonra pelo afeminamento que essas poderiam gerar. As primeiras entre essas feiticeiras são as völur, termo que significa 'portadoras de bastão', mulheres que por suas características mágicas adquiriam o caráter de videntes. A literatura assim possibilita uma tentativa de identificação de muitas sepulturas de mulheres que nos registros arqueológicos se encontravam enterradas com bastões de metal, roupas incomuns e uma variedade de encantos, amuletos e até mesmo drogas alucinógenas.

Bill Chaisson: *Quais são as diferenças entre as representações românticas dos povos Vikings como piratas e da realidade? E quais são os diferentes tipos de cultura pirata?*

Neil Price: A pirataria é um assunto que veio a me interessar recentemente, uma vez que faz parte dos estereótipos dos Vikings, de sua representação como 'lobos do mar', estereótipos que já existem há mais de um século. A romantização da cultura pirata provavelmente começou com os próprios piratas, que eram definitivamente cientes da imagem que transmitiam e de seus efeitos sobre outras pessoas, apesar dessa ser uma questão que pode variar em relação ao contexto. Os 'Piratas do Caribe' são sem duvida os mais conhecidos pela atual historiografia, mas existiram invasores marítimos nos mais diversos períodos e locais durante a história, numerosos povos utilizaram por diversos momentos o mar como forma de alcançar seus alvos de ataque. As ações dos piratas no decorrer da historia se deram predominantemente nas costas da

África, no Atlântico, nos mares da China e nos mares do Japão, além de em muitas outras regiões. Em alguns casos é muito claro que os piratas formaram verdadeiras comunidades com suas próprias normas sociais e costumes, na verdade, uma espécie de alternativa radical para uma fuga da vida ordenada que ocorria nos territórios onde prevaleciam as leis de um Estado. Assim como ocorre hoje em dia na Somália, fenômeno que pode ser observado em um contexto de declínio social, limitações econômicas e pobreza. Nenhum desses fatores é irrelevante, mas não fazem qualquer diferença quando tratamos a violência e o terror que esses piratas praticam impiedosamente, causando uma enorme matança e grandes prejuízos econômicos. Podem se compreender como combatentes da liberdade, revolucionários sociais ou algo similar, mas como piratas sua natureza é a de bandidos marítimos seja hoje em dia ou no passado.

Bill Chaisson: *A cultura pirata trousse alguma contribuição para a civilização?*

Neil Price: Embora se tenha muitas facetas e manifestações nos diferentes locais e períodos, a pirataria marítima sempre diz respeito a roubos e violências, torna-se naturalmente muito difícil encontrar algo positivo nesse tipo de cultura. Dito isso devemos lembrar que o impacto da cultura pirata por vezes se revelou como um importante catalisador de mudanças sociais, mudanças que por momentos se revelaram como algo positivo. Durante a era Viking a pirataria contribuiu para a unificação do que viriam a se tornar as nações escandinavas que existem até os dias de hoje, e seus ataques às ilhas britânicas ironicamente auxiliaram na construção de uma identidade do estado Inglês. Os impactos subsequentes da Inglaterra sobre o mundo durante muitos séculos, para o bem ou para o mal, tiveram algumas de suas raízes naqueles barcos cheios de piratas Vikings que navegavam pelos mares do Norte.

Bill Chaisson: *Quais foram algumas das questões sociais e recursos naturais que levaram os escandinavos a irem "a-Viking"?*

Neil Price: Por quase 200 anos os historiadores tentam encontrar razoes para o inicio da atividade dos Vikings, procurando uma explicação do porque dos

povos escandinavos terem deixado seus países de origem em numero significativo durante o século VIII. Tem sido sugeridos motivos como a superpopulação e as mudanças climáticas, assim como foram apontadas leis que restringiam a herança e deixavam um grande numero de jovens sem terra e sem perspectivas. Alguns estudiosos acreditam que a evolução na construção e nos tipos de navios que levaram a criação de embarcações solidas e velozes teriam tornado esse tipo de atividade inevitável, outros ainda argumentam que a suposta mentalidade agressiva pertencente ao paganismo nórdico seria um fator contribuinte para esse tipo de atividade. É obvio que não há uma única razão, mas o oportunismo também contribuiu para esse tipo de atividade, e durante muito tempo as recompensas eram muito mais atraentes em comparação com os riscos que se apresentavam mínimos. Nos primeiros anos do século IX, penso que as grandes frotas e exércitos Vikings se constituíam efetivamente como mini estados em seus próprios direitos, comunidades piratas que fechadas em si mesmas sustentavam uma constante ligação com suas terras de origem na Escandinávia, enquanto permaneciam politicamente separadas entre elas.

Bill Chaisson: *Como você se relaciona com as evidencias literárias sobre os Vikings (Sagas e narrativas escritas por outros povos), com a evidência arqueológica? Como uma se relaciona com a outra?*

Neil Price: Por muitos anos as sagas islandesas foram tomadas como narrativas do período Viking aos quais essas descrevem, embora essas tivessem sido escritas apenas 200 anos após o fim desse período. Com o tempo a mentalidade acadêmica foi alterada e as sagas foram quase totalmente descartadas como ficção medieval. Hoje temos uma visão que nos permite uma maior nuance, que nos lança a um exame cuidados dos traços e detalhes das sagas que indicam um pertencimento ao período Viking. Existem também as fontes contemporâneas ao período Viking, mas essas foram escritas por estrangeiros e por muitas vezes vitimas do ataque desses escandinavos influenciando seus relatos. As fontes estrangeiras que tem uma maior utilidade são as escritas por geógrafos e

diplomatas árabes que nos deixaram diversos escritos de testemunhas oculares fascinantes sobre os povos Vikings. Os dados arqueológicos se apresentam como uma fonte muito vasta que cresce a todo o momento, sendo habitualmente interpretada de uma maneira independente das problemáticas fontes literárias, mas em todo caso abrangendo o estudo dos mais diferentes aspectos da vida desses povos. A arqueologia nos aproxima dos Vikings, nos relatando como esses se vestiam, o que comiam, onde viviam e como embelezavam seus espaços com numerosos tipos de decoração, de símbolos e com uma arte magnífica que se encontra em quase todas superfícies: seu mundo era intensamente visual. Talvez o aspecto mais inesperado dos Vikings seja sua poesia, que condensa suas ideias e aspirações em imagens complexas de uma beleza estonteante- na verdade eram os Vikings povos diferentes.

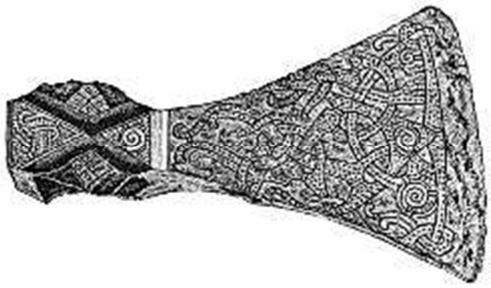
Bill Chaisson: *Você pode resumir a visão Viking da morte e da vida após a morte?*

Neil Price: Para os Vikings a morte certamente não era o fim, havendo muitos além-vidas possíveis, mas se faz claro que nenhum desses além vidas era permanente. A maioria das pessoas já ouviu falar sobre o "Valhalla" (um erro de grafia vitoriano do termo nórdico Valhöll, que significa 'salão dos caídos'), mas de nenhuma forma essa era um 'céu Viking'. Alguns dos guerreiros mortos foram para lá, sob a proteção do deus Odin, outros foram para Freyja, a deusa da sexualidade. A maioria das pessoas parece ter ido para Hel (não devemos confundir com seu homônimo cristão), ou para os nove níveis do submundo, mas ainda haviam outros além-vidas, mais obscuros do que o reino dos mortos, como um reino das águas que pode ter existido para os que morreram afogados. Não se havia a crença de que seu comportamento moral durante a vida influenciaria em seu destino pós-morte. Os ritos de sepultamento Viking são de uma variedade quase infinita, e pode ser que representem o resto físico de encenações funerárias , literalmente atuações que ocorriam fora das sepulturas e que pretendiam conectar esses mortos em um mundo de narrativas poéticas. Na mitologia nórdica, tudo ira acabar na batalha final denominada

Ragnarök, quando deuses, humanos, os vivos, os mortos e todos os tipos de animais e criaturas sobrenaturais perecerão perante o gelo e o fogo, retornando o universo ao vazio do qual surgiu. Um conto de ressurreição parece ter sido adicionado sob influencia cristã no final da era Viking, mas originalmente os Vikings parecem ter sido uma das poucas culturas do mundo sem uma extensão permanente da vida após a morte. O destino de uma pessoa era fixo e não podia ser alterado, por isso o que importava era a dignidade da conduta de cada pessoa frente ao seu destino.

Traduzido por Munir Lufte Ayoub

Fonte: http://www.ithaca.com/arts_and_entertainment/interview-with-viking-era-archaeologist-neil-price/article_d9f386dc-01cb-11e2-9b60-001a4bcf887a.html



A ESPADA ULFBERHT: A LENDÁRIA ESPADA VIKING

Força, flexibilidade, peso e forma, tudo isso junto determina se uma espada se tornará superior para sua época. Muitas espadas são famosas, mas tem uma que poucas pessoas ouviram falar sobre e era perfeitamente desenvolvida para sua época, a *ULFBERHT*. Elas eram um luxo, raras e caras. Produzidas do ano 800 ao 1000, essa espada era feita de ferro de altíssima qualidade, algo raramente vista na Europa em sua época. Esta espada misteriosa vinha com a inscrição "ULFBERHT". Carrega por somente uma nata de guerreiros, se mostrava uma união quase perfeita de função e forma.

Na Era Viking a maioria dos homens lutava com machados e lanças, mas aqueles que podiam pagar tinham uma espada. Centenas de espadas da Era Vikings foram achadas, na sua maioria em rios e túmulos vikings na Escandinávia e norte da Europa, mas somente 171 foram identificadas como *ULFBERHT*. Enterrada por séculos, somente os restos corroídos das espadas permaneceram.

Ilustração 1: Foto de uma espada achada próxima a um livro em Kessel, Holanda.

Como é uma espada viking?

Antes de começar a falar sobre um padrão específico de espadas vikings precisamos explicar como é normalmente uma espada de um guerreiro que vivia nesse contexto e época. Grande parte da representação contemporânea que se tem das espadas vikings é um exagero fantasioso criado por fãs de universos ficcionais, em que as espadas são exageradamente grandes ou com adornos monstruosos e exuberantes, tal representação acaba se afastando da realidade histórica das espadas.

A espada era chamada em kenning, entre várias outras coisas, de "relíquia antiga", uma propriedade que quase sempre era passada de uma geração a outra, onde a mesma espada poderia ter sido usada por séculos. A espada possuía uma personalidade e nome próprios, e com o passar dos anos o novo possuidor da espada entenderia a sua importância e história, tendo passado geração após geração na mão dos membros da sua família.

Um homem sem a sua espada era uma figura indefesa segundo a visão dos outros. A espada acompanhava o homem escandinavo a sua vida inteira, o ligando aos seus antepassados até o momento de sua morte. Em reuniões nos salões reais era permitido levar sua espada na bainha, apesar de não ser autorizado sacá-la. Dormia-se com a espada próximo a cama com receio de ataques noturnos. Era a companheira constante de um homem, mesmo quando se necessitava enviá-la para afiar tentava-se ter uma substituta até o seu retorno.

A empunhadura e a lâmina da espada não se mantiveram inalterada com o passar dos séculos. A "relíquia antiga", como o nome diz, era uma ferramenta e companheira usada por muito tempo e repetidamente sendo desenterradas de montes-tumulares para reuso. Ocasionalmente levando a espadas com lâminas e empunhaduras de épocas diferentes, e mais comumente ainda, sendo encontradas longe do local de origem.

As empunhaduras usadas pelos vikings ocasionalmente retornam a

épocas anteriores a Era Viking devido à ancestralidade das espadas, a época chamada de período de migrações. As divisões iniciais dos estudos sobre as empunhaduras dividiram-nas em 26 tipos, contudo estudos mais recentes reduziram a divisão para somente nove subgrupos de empunhaduras. Onde cada uma tem sua época e local característico.

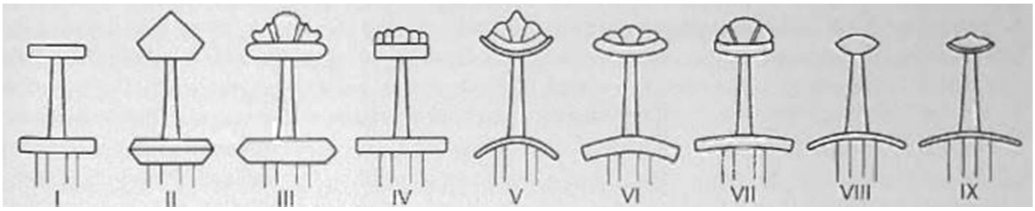


Ilustração 2: Diferentes tipos possíveis de empunhaduras na sociedade viking.

A decoração das espadas vikings tradicionalmente era feitas pelo ferreiro que as produziu, sendo que na maioria dos casos somente um design aplicado sobre o ferro de múltiplas formas. No começo era popular uma camada de prata cobrindo a empunhadura com pequenos enfeites geométricos, cruzes ou pontos em relevo. Durante o século IX ao X, era comum o uso de linhas interlaçadas do tipo usado em enfeite de livros ou pedras rúnicas. E perto do fim da Era Viking eram mais usados padrões geométricos em cobre. Esses enfeites eram feitos com cuidado, buscando uma obra de boa qualidade para que seja digna do seu possível futuro legado.

Essas espadas anciãs e trabalhadas não possuíam uma padronização nas suas lâminas, elas variavam segundo a época e local. A maioria das espadas vikings que temos registro na atualidade são espadas de dois gumes, contudo existem registros de espadas de somente um gume. As espadas com só um lado cortante são principalmente presentes no contexto de transição do Período de Imigração para a Era Viking.

Na representação contemporânea, as lâminas duplas são uma das características mais marcantes na espada viking. As espadas de dois gumes foram divididas em cinco tipos pelos seus estudiosos, analisando elas pelo seu comprimento, espessura, datação, comprimento da ponta, entre outras coisas.

Visualmente uma das coisas mais marcantes nessas lâminas é sua superfície afundada, como se fosse um canal na lâmina. Esse sulco na lâmina serve para tornar a lâmina mais leve e com um o uso mais prático.

As inscrições nas lâminas e a ULFBERHT

Outra característica presente em algumas espadas vikings são as inscrições laterais, como, por exemplo, da palavra ULFBERHT. Dizer quem era ULFBERHT ou que quer dizer, são somente teorizações, sem saber-se com certeza o seu significado. Algumas das teorias defendidas são de que foi o nome de um ferreiro, seu forjador, contudo as ULFBERHT são espadas de mais para serem produzidas por somente um ferreiro restando então à suposição que era um grupo de ferreiros.

A suposição que a ULFBERHT é relacionado à sua produção vem em parte das outras inscrições em espadas nas quais tinha as palavras ME FECIT (me fez), seguindo o nome, deixando uma quase certeza nesse costume de assinar suas obras, alguns desses exemplos são as GECELIN ME FECIT e a NISOMEFECIT. As inscrições ocasionalmente não eram somente vinculadas ao produtor da lâmina, mas também possuía uma carga religiosa, adicionando-se INNOMINI DOMINI. Contudo esse tipo de inscrição já demonstra claros sinais de uma sociedade sendo cristianizada ou se cristianizando, sendo que outro tipo de demonstração dessa cristianização é a presença de cruzes ocasionalmente nas inscrições das lâminas.

As lâminas ULFBERHT possuíram na sua inscrição diferentes variações, sendo que existe a possibilidade dessa inscrição vir de um ferreiro cristianizado ou o uso da cruz como um enfeite, por ser achado esteticamente agradável, sem qualquer preocupação com a sua simbologia.

Ilustração 3: Uma lâmina com a inscrição ULFBERHT, usando cruzes possivelmente como adereços.

Se todas as inscrições são tão amplas e as variedades de lâminas também, o que faz a ULFBERHT tão especial? Ao analisar o material da lâmina da ULFBERHT foi descoberto que ela possuía um alto grau de pureza e qualidade, muito superior às outras lâminas de sua época levando a uma lâmina mais durável e resistente. O carbono que faz parte da fabricação do aço era adicionado normalmente na produção das lâminas por meio do carvão não criando uma mistura ideal. O carbono normalmente vinha por meio do carvão que queimava o ferro, mas Gunnar Andersson (2012), do Museu Histórico Nacional da Suécia, acredita que é possível que se usassem restos animais como ursos ou lobos para dar o poder do animal a lâmina.

O método de produção das ULFBERHT é um mistério que se tenta solucionar recentemente, pois o aço da sua lâmina possui uma mistura quase homogênea dos elementos deixando o material com uma qualidade superior. Esse aço só é possível derretendo o ferro em altas temperaturas, que normalmente não se tinha capacidade na época. Outra lâmina que tinha esse tipo de aço similar é a lâmina produzida com aço de Damascus originária da região que hoje é o Irã. Fredrik Ljungovist (2012) supõe que é muito provável que esse aço, puro e único para sua época, veio por meio das rotas comercias do rio Volga até a Escandinávia.

No método de lutas na Escandinávia onde constantemente a espada não se encontrava com outras espadas, mas colidia constantemente com escudos e proteções, a flexibilidade e resistência das lâminas ULFBERHT fizeram dela possivelmente um objeto de admiração e status levando até posteriormente outras lâminas com a inscrição ULFBERHT sem essa mesma qualidade. Essas lâminas com qualidade inferior supõe-se que eram cópias, sem se utilizar do ferro superior elas pecavam na sua qualidade, assim como na sua inscrição. Nas lâminas que foram encontrado esse aço de alta qualidade possuíam a inscrição com uma cruz no começo e outra cruz antes do T final, e suas cópias com o

metal inferior possuíam uma cruz no inicio e outra no final da inscrição. Sendo assim que assim como hoje em dia existem cópias de produtos de luxo como marcas de relógios e roupas, na Escandinávia também se realizava cópias de baixa qualidade de espadas de renome, como a ULFBERHT.

Autor: André Araújo de Oliveira (UFMA/NEVE)

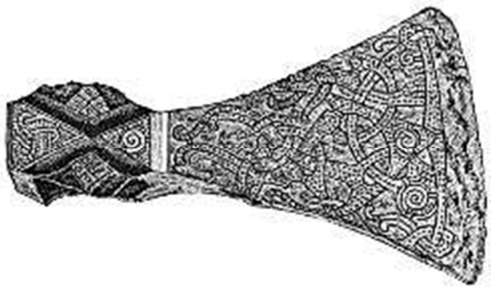
andre3k.oliveira@gmail.com

Referências:

PEIRCE, Ian G. *Swords of the Viking Age*. Woodbridge: The Boydell Press. 2002.

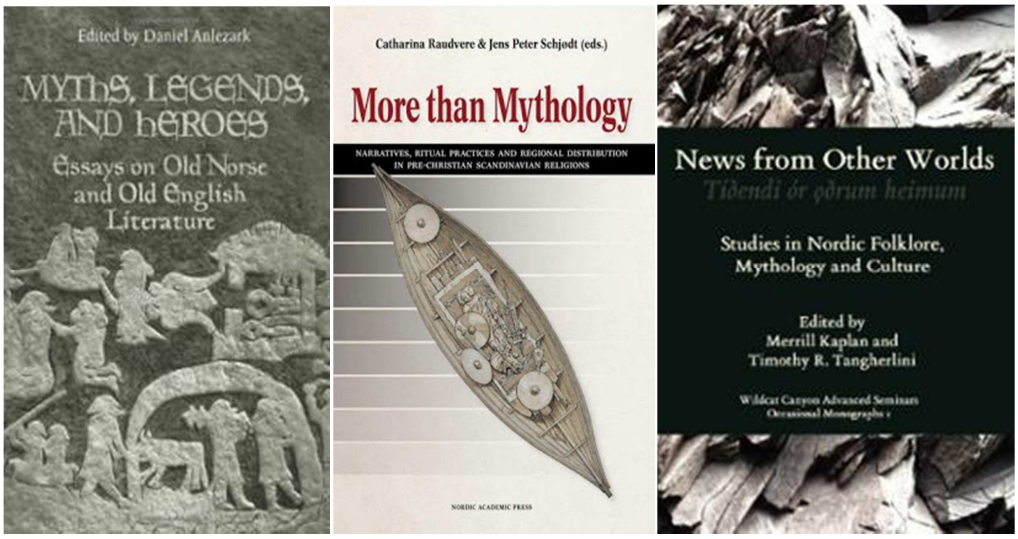
SECRETS of the Viking Sword. Direção e Produção de Peter Yost. History Channel e Nova: 10/10/2012. Temporada 40, episódio 1. (54 min.) son., color. Documentário.

WILLIAMS, Gareth. Raiding and Warfare. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. **The** *Viking World*. New York: Routledge, 2008.



RESENHA

A RELIGIOSIDADE NÓRDICA PRÉ-CRISTÃ É TEMA DE TRÊS COLETÂNEAS



A religiosidade do mundo nórdico antes da introdução do cristianismo sempre constituiu um dos campos mais explorados pela Escandinavística desde o século XIX. Três novas coletâneas em inglês apresentam algumas das mais recentes investigações neste campo.

A primeira, *Myths, Legends, and Heroes: Essays on Old Norse and Old English Literature* (2011), é uma coletânea em homenagem ao pesquisador John McKinell (Universidade de Durham), uma referência internacional em estudos de paganismo nórdico, autor de um dos mais paradigmáticos estudos recentes da área: *Both one and many: essays on change and variety in late Norse heathenism* (1994). Mas no caso específico desta coletânea, os pesquisadores convidados foram especialmente influenciados por outra obra de McKinell, *Meeting the Other in Norse Myth and Legend*, de 2005, que procura investigar as fontes literárias e mitológicas de um ponto de vista antropológico. Assim, temos desde pesquisas que procuram entender as mudanças na visão de mundo nórdica e anglo-saxônica a partir da cristianização, ao confronto entre diferentes culturas e povos na História por meio do registro mítico. Apesar da abordagem em comum (a questão do outro), algumas pesquisas partem de problemáticas

diferentes. Por exemplo, enquanto Rudolf Simek (estudando runas) e Judith Jesch (analisando imagens e esculturas) exploram fontes medievais, a mitóloga Margaret Clunies Ross questiona as modernas interpretações da mitologia nórdica a partir do século XVIII, instituindo um importante referencial nos debates contemporâneos sobre cosmologia pré-cristã.

Já em outra coletânea, *More than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions*, trata-se de uma obra originada de um evento sobre o tema ocorrido em Copenhague em 2008. Os organizadores, Catharina Raudvere e Jens Peter Schjödt, seguem uma tendência já inaugurada em experiências anteriores (como o evento de Lund em 2004, que originou a mega coletânea *Old Norse Religion in long term perspective*, 2006), onde a religiosidade nórdica é investigada em multifacetadas metodologias e perspectivas, desde a literária à filológica, mas especialmente a advinda da cultura material, da Antropologia, da Arqueologia e da História da arte. Essa amplitude de perspectivas se deve basicamente ao questionamento da tradicional utilização das fontes literárias em nórdico antigo, vistas como limitadas e parciais, como também da ampla aceitação dos diferentes métodos comparativos. Neste sentido, o presente livro aprofunda tendências já contidas na citada obra Old Norse Religion, ao confrontar influências, diferenças e confrontos entre áreas geográfico-culturais distintas, como a da Escandinávia com a área finlandesa e sami, as fontes arqueológicas (da Islândia à Rússia), mas também a importância social dos rituais para as comunidades nórdicas. Talvez a maior tendência seja apontar a grande diversidade (social, cultural, espacial) existente nestas práticas e concepções míticas de mundo, do que a tradicional concepção unitária e monolítica da religiosidade pré-cristã na Escandinávia. E principalmente: os estudos interdisciplinares e materiais são fundamentais para se adentrar neste campo.

Na coletânea mais recente, temos novamente uma homenagem, mas desta vez ao mitólogo norte-americano John Lidow - *News from Other Worlds: studies*

in nordic folklore, mythology and culture, 2012. De muito semelhante a More than Mythology, esta reunião de ensaios seguem as perspectivas de análise literária e mitológica comum à autores como Lindow, Ross, McKinell, entre outros, distanciando-se do grupo dinamarquês de Lund que organizou a coletânea More than Mythology, estes mais preocupados com as conexões dos mitos com os rituais e a cultura material. Neste livro, alguns dos mais importantes investigadores contemporâneos da mitologia escandinava marcam presença. Entre eles, Margaret Clunies Ross prossegue suas investigações mais recentes sobre os mitos na poesia escáldica (Regginaglar); Jens Peter Schødt discute algumas questões da teoria dumeziliana aplicada aos Æsir; Lars Lønnroth, Carol Clover e Merrill Kaplan analisam temas literários; Thomas DuBois, Terry Gunnell e vários outros, investigam fontes folclóricas e culturais.

Seja com perspectivas tradicionais, seja com inovações metodológicas e temáticas, todas estas publicações atendem a uma atual demanda por estudos acadêmicos de mitologia escandinava, que cresce a cada dia em diversas partes do mundo. Apesar de sua grande importância, colocamos aqui apenas uma observação – no campo da religiosidade nórdica pré-cristã, os estudos de mito e rito ainda imperam totalmente, sendo o tema da magia pouco explorado. Tanto em eventos, como publicações, as investigações sobre magia nórdica ainda encontram espaço reduzido, apesar de sua grande importância nas fontes e suas conexões com as narrativas míticas e o ritual. Certamente, ainda existe muito material e questões para as novas gerações de escandinavistas.

Prof. Dr. Johnni Langer (UFPB/NEVE)

Referências:

ANLEZARK, Daniel (Ed.). *Myths, Legends, and Heroes*: Essays on Old Norse and Old English Literature. Toronto: University of Toronto Press, 2011. ISBN-10: 0802099475.

RAUDVERE, Catharina & SCHJÖDT, Jens Peter (Eds). *More than Mythology*:

Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions. Lund: Nordic Academic Press, 2012. ISBN-10: 918550971X.

KAPLAN, M. & TANGHERLINI, T. (Eds.). *News from Other Worlds*: studies in nordic folklore, mythology and culture. Berkeley: North Pinehurst Press, 2012. ISBN-10: 0578101742.

NOTÍCIAS DE ESTUDOS ESCANDINAVOS

MESTRADO SOBRE REALEZA NÓRDICA NA PUC-SP

O Programa de Pós Graduação em História da PUC-SP recebeu a apresentação pública da dissertação de Mestrado Godkynningr: o rei escandinavo como ponte entre deuses e humanos, de Munir Lutfe Ayoub, no dia 9 de outubro. A banca foi composta pelos professores doutores Johnni Langer (UFPB), Ettore Quaranta (PUC-SP) e Yvone Dias Avelino (PUC-SP).

Munir é membro do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos e realiza estudos sobre a Escandinávia Medieval há vários anos, além de participar de eventos em estudos medievais. A pesquisa realizou um estudo comparado entre fontes literárias e arqueológicas, buscando compreender as transformações ideológicas, políticas e religiosas da realeza nórdica durante a Era Viking. A pesquisa é uma das primeiras no Brasil que aprofunda metodologicamente a relação entre fontes da cultura material no período pagão e as fontes escritas durante o cristianismo, além de conceder algumas discussões historiográficas ainda pouco conhecidas no país, como a questão da realeza sagrada. Munir atualmente desenvolve um projeto de doutorado, com o intuito de aprofundar-se no tema da religiosidade da Escandinávia medieval.

Munir apresentando sua dissertação

Resumo da dissertação: O presente trabalho por meio de uma metodologia comparada entre as fontes literárias e arqueológicas buscou compreender as modificações ocorridas nas praticas cultuais que possibilitaram a forja de ideais, de legitimação e a formação das funções das realezas escandinavas, além de buscar as funções e ânsias que esses homens tinham sobre seus deuses. Evidenciando por fim a importância dos antigos costumes nórdicos e da mitologia nórdica como instrumento de legitimação e de criação de poderes sociais, contribuindo para a compreensão de um período onde rito, mito e os poderes sociais estavam em plena conexão, relações essas que marcariam o período Viking na Escandinávia. Tendo assim sua baliza temporal inserida entre os séculos VIII e X sendo o primeiro o século no qual surgiram as primeiras realezas escandinavas e o segundo o século no qual os povos escandinavos começaram a sofrer um processo de conversão ao cristianismo.

MESTRADO SOBRE A HEIMSKRINGLA NA UFRN

O Programa de Pós Graduação em História da UFRN (História e Espaços), promoveu no dia 24 de setembro do corrente, a defesa da dissertação de mestrado: Guerra e Identidade: um estudo da marcialidade no Heimskringla, de Pablo Gomes de Miranda. A banca foi composta pelos professores Johnni

Langer (UFPB), Edrisi Fernandes (UNB), Marcia Severina Marques (UFRN) e Raimundo Pereira Alencar Arrais (UFRN).

Pablo Miranda

Trata-se de um estudo inédito no Brasil, pesquisando uma das fontes mais importantes da Escandinávia Medieval, a Heimskringla, em seus aspectos de marcialidade e espaço. Em um dos capítulos da dissertação, Pablo Miranda investiga as conexões entre mito, magia e religião no mundo da guerra nórdica, especialmente os relacionados a Odin, e em outro capítulo, a formação de uma identidade guerreira a partir das fronteiras entre os países escandinavos.

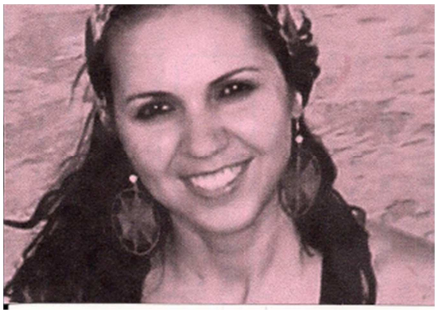
Pablo Miranda é membro do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e EScandinavos, e há vários anos se dedica ao estudo da história da guerra no mundo nórdico. Atualmente prepara um projeto sobre mitologia e folclore escandinavo, a ser desenvolvido no doutorado.

Resumo da dissertação: O objetivo de nossa dissertação é estudar como os escritos escandinavos produziram uma identidade da Noruega em ideais bélicos dentro de uma compilação de sagas islandesas chamado Heimskringla e que tem parte de seu conteúdo voltado para narrativas de um momento conturbado do surgimento das monarquias escandinavas entre o século VIII e XI, a chamada Era Viking. O Heimskringla, também conhecido como "O Círculo do Mundo" é um conjunto de escritos baseados na memória oral

islandesa sobre os reis noruegueses e a formação do território norueguês. Na medida em que investigamos a relação entre os membros da realeza, seus companheiros e os povos escandinavos, passamos a delinear as relações de memória, identidade e guerra. Nosso trabalho pontua a maneira como a guerra escandinava produz, em suas narrativas, espaços próprios, seja nas relações político-sociais entre seus participantes, na organização de seus conflitos, ou na localização das atividades guerreiras, onde os lugares transformam-se em pontos essenciais dessas narrativas. A guerra é ao mesmo tempo um lugar de afirmações identitárias e um espaço de práticas necessárias para o fortalecimento do poder real.

DEFESA DE MESTRADO SOBRE SIGURD NA UFPB

A pesquisadora Suênia de Souza Amorim acaba de defender sua dissertação de mestrado: Mito, magia e religião na Völsunga saga: um olhar sobre a trajetória mítica do herói Sigurd, no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Deyve Redyson Melo dos Santos, Fabrício Possebon e Johnni Langer.



Suênia Amorim

Suênia Amorim utilizou-se dos referenciais teóricos do mitólogo Joseph Campbell e procurou analisar essencialmente a figura do herói na tradição escandinava pré-cristã. Segundo os professores Deyve Melo e Fabrício

Possebon, a pesquisa inaugura a temática de pesquisas sobre Escandinavística e mitologia nórdica no programa, uma inovação dentro das ciências das religiões e das ciências humanas no Brasil.

MITOLOGIA ESCANDINAVA É TEMA DE EVENTO NOS EUA

A Universidade de Harvard promove a 12ª. Edição do The Aarhus Old Norse Mythology Conference at Harvard, a ser realizada de 30 de outubro a 1 de novembro de 2013. Alguns escandinavistas e mitólogos consagrados, como Neil Price, Chris Abram, John Lindow, Terry Gunell, entre outros, apresentarão suas mais recentes pesquisas.

Entre os diversos conferencistas convidados, percebemos a grande ênfase atual nos estudos de mitologia comparada aplicados à área escandinava: John Lindow compara os mitos finlandeses aos nórdicos, enquanto Thomas Dubois compara as tradições de cosmologia e astronomia báltico-finlandesa com a nórdica (seguindo uma pesquisa já apresentada na Califórnia em 2012). Outros comparatistas, como Emyle Lyle, Joseph Nagy, Kimberley Patton e Michael Witzel, utilizam áreas muito exploradas na escandinavística clássica, como a irlandesa, a grega e iraniana e algumas não muito comuns nas pesquisas contemporâneas, como a indiana e a chinesa.

Certos temas explorados seguem a tendência recente em analisar temas escatológicos, como Cristopher Abram em uma interpretação do poema Völuspá; Mathias Nordvig volta a pesquisar a influência do vulcanismo nas narrativas míticas islandesas; o arqueólogo Neil Price explora o tema ragnarokiano do ponto de vista de eventos geoclimáticos; Lukas Rösli analisa as diferentes versões do Ragnarok nas fontes medievais.

Algumas pesquisas seguem a tendência tradicional de análise de narrativas individuais, como Joseh Nagy, interpretando as diferentes versões da serpente nórdica; Henning Kure explora o tema da interpolação no poema

Grímnismál; Karin Johánna analisa as divindades nórdicas na poesia rímur; Kate Heslop pesquisa o tema do herói em várias narrativas literárias; Jürg Glauser analisa o papel do hidromel na literatura mitológica; Nordal Gudrun interpreta o Grímnismál a partir da cosmologia do século XIII.

Outra grande tendência metodológica do evento é a análise dos mitos a partir das evidências materiais da cultura religiosa pré-cristã: Merill Kaplan volta a investigar a autenticidade pagã do conto de Volsi (recentemente analisado por Clive Tooley); Kimberley Patton e Olof Sundqvist analisam o tema da árvore cósmica e suas possíveis ritualizações na paisagem sagrada; Jens Peter Schjødt analisa os modelos de religiosidade nórdica pré-cristã preservados nas fontes medievais; Kees Samplonius examina o papel da magia no paganismo nórdico, em especial, a suposta interpretação de que o corpo feminino encontrado na famosa sepultura de Oseberg teria sido uma völva; Terry Gunell apresenta considerações sobre o culto dos deuses vanes e sua preservação oral nas fontes literárias.

Certamente um grande evento acadêmico que comprova, mais do que nunca, a atualidade e a importância do estudo contemporâneo da mitologia nórdica, certamente a área mais popular dos estudos escandinavos.

Prof. Dr. Johnni Langer (UFPB/NEVE)

MITOLOGIA ESCANDINAVA EM MESTRADO NA UFPB

O Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB (Mestrado) estará oferecendo a partir de 29 de julho a disciplina optativa

Mitologia Escandinava: fontes, temas e métodos, a ser ministrada pelo professor doutor Johnni Langer. Trata-se de uma iniciativa inédita, que procura conceder novos espaços para a Escandinavística e os estudos acadêmicos dos mitos nórdicos em nosso país. Além dos mestrandos do programa, também alunos especiais poderão cursar a disciplina.

Disciplina: A MITOLOGIA ESCANDINAVA: FONTES, TEMAS E MÉTODOS

EMENTA: Os conceitos básicos sobre os mitos nórdicos. As fontes e as interpretações acadêmicas. Cosmogonia, cosmologia e escatologia nórdica. O panteão dos vanes e ases. Os deuses principais, suas narrativas, seus simbolismos e cultos. As deusas e seus papéis sociais. Metodologias para análises. A recepção dos mitos no mundo contemporâneo.

OBJETIVOS

A disciplina tem como objetivo básico o conhecimento dos principais parâmetros para o estudo acadêmico da mitologia escandinava, fornecendo subsídios historiográficos, teóricos e metodológicos para sua investigação. A disciplina utilizará como principais eixos o estudo das fontes escritas e iconográficas da Idade Média, dos principais temas e dos métodos para a pesquisa dos mitos nórdicos.

GRUPO NEVE APRESENTA PESQUISAS NA UNB

O grupo NEVE participou do X Encontro Internacional de Estudos Medievais que ocorreu em Brasília, de 01 a 05 de julho de 2013, na UNB.

Foram apresentadas diversas pesquisas em Escandinavística, enfocando variados temas:

Munir Lutfe Ayoub (Mestrando em História pela PUC-SP/NEVE)

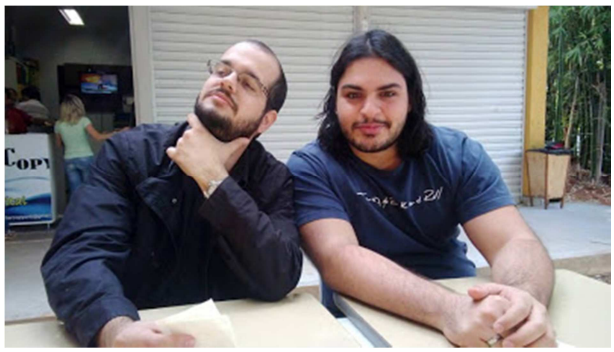
apresentou a comunicação Entre textos e toponímias: apontamentos sobre a pluralidade de cultos no período de prática da antiga cultura nórdica.

André Araújo de Oliveira (Mestrando em História pela UFMA/NEVE), apresentou O conceito de fantástico e sobrenatural nas sagas islandesas.

Isabela Dias de Albuquerque (Doutoranda em História pela UFRJ/NEVE), por sua vez, apresentou Olhares em confluência: História, Arqueologia e Linguística nas interações entre anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra (IX-X).

Jack Franco de Sá (Graduando em História pela UFMA) apresentou a comunicação Eram os vikings astrônomos? Uma revisão crítica dos mapas celestes da Etnoastronomia Escandinava, de autoria do professor Dr. Johnni Langer (UFPB/NEVE).

Sara Divino Carvalho (Graduanda em História pela UFMA), apresentou a pesquisa As tramas, os nós e as tranças: os adornos capilares e a sua representação de status na Era Viking, de autoria da professora Ms. Luciana de Campos (GIEM-UFPB/NEVE).



André de Oliveira e Munir Ayoub em Brasília

Segundo o mestrando André de Oliveira (UFMA), o décimo Encontro Internacional de Estudos Medievais foi muito proveitoso para todos, sendo uma ótima oportunidade para re-encontrar e conhecer pesquisadores da área medieval e Escandinávia Medieval. Ainda segundo André, as apresentações do Grupo de Trabalho do medievo germânico, possuíram um grande público, tendo lotação máxima em ambos os dias e a participação ao evento permitiu presenciar uma participação de graduandos em Escandinavística, deixando assim uma grande esperança para o futuro das pesquisas na área.

Já para o mestrando Munir Lufte Ayoub (PUC-SP) o evento ainda surpreendeu pelas apresentações de iniciações cientificas que abordararam áreas ainda inovadoras como a Arqueologia experimental, caso dos graduandos Anderson Tsukiyama e Stephanie Sander (UFSC) que apresentaram o trabalho Análise de livros de espada (fencing books ou fechtbücher) para o estudo da esgrima medieval, aplicada ao recriacionismo histórico.

Para o graduando Jack Franco de Sá (UFMA), ter participado do X EIEM foi uma experiência muito gratificante, "é sempre recompensador participar de um evento em que se pode compartilhar das pesquisas de nossos colegas de estudo, além de encontrar velhos amigos e fazer novas amizades". Atualmente, Jack dedica-se ao estudo da Etnoastronomia Medieval.

NOTÍCIAS DE ARQUEOLOGIA ESCANDINAVA

LINGOTE DE OURO VIKING É DESCOBERTO POR CAÇADOR AMADOR DE TESOUROS

Uma rara peça de ouro viking datando de mais de uma centena de anos foi descoberta por um amador com um detector de metais no norte da Irlanda.

Os especialistas dizem que o lingote é uma das poucas pepitas conhecidas da Irlanda

Tom Crawford estava realizando seu hobby em terras agrícolas em Co Down no ano passado quando achou o pequeno, mas precioso lingote, que pode ter sido usado como moeda durante os séculos IX e X. Esta é uma das poucas pepitas conhecidas da Irlanda, disseram os especialistas.

O senhor Crawford também descobriu um pequeno broche-anel de prata com impressões florais incomuns, provavelmente usados para decoração por um homem ou mulher durante o período medieval, a uma curta distância. "É tudo parte do grande quebra-cabeça da história deste país", ele disse ao inquérito de Bellfast convocado para estabelecer se o achado era um tesouro.

Posteriormente ele adicionou: "Cada pedacinho que se encontra é parte do quebra-cabeça e quando eu penso que descobri alguns campos neste país, existem centenas de milhares de campos em toda a Irlanda do Norte que nenhum detector de metal já estivera, então o que está lá pode ser todo o tipo de coisa. "Você precisa de centenas de detectores de metal para passar por cima dos campos, mas muita coisa ainda poderia estar parada lá".

O pedaço de metal, 86% de ouro, mas menos de três centímetros de comprimento, foi encontrado em Brickland em Co Down, a uma curta distância do Loughbrickland que parecia ser o centro de um reino medieval, segundo os Museus Nacionais da Irlanda do Norte. Registro escritos dizem que os vikings saquearam Loughbrickland em 833 d.C.

Um especialista disse no inquérito que o ouro pode ser um resultado direto de contato entre os habitantes locais e os escandinavos e observou as regiões vizinhas de Strangford e Carlingford loughs eram áreas de atividade Viking intensa e continua.

Sr. Crawford disse ter encontrado cerca de seis moedas de um centavo antes, durante 15 anos de Hobby, mas a maior parte do tempo ele recuperou tampas de garrafas e pedaços de lixo. Quando ele descobriu o lingote ele inicialmente pensou que era um pedaço de metal de solda.

"Eu encontrei um pedaço de sucata, mais tarde descobri que era um pedaço de ouro", explicou. Ele adicionou: "Quando você encontrar algo, lhe dá um pouco de entusiasmo para seguir em frente e procurar mais". Ele disse a legista Suzanne Anderson como ele tinha caçado metal como um hobby de meio expediente depois de se aposentar. "É emocionante quando você encontra algo que você acha que poderia ser velho, sempre há muita história por trás das coisas, especialmente se você encontrar uma moeda e ver a figura e poder identificar de que ano é", disse ele.

Dr. Greer Ramsey, curador do Museu Armagh County, disse que os

objetos de ouro e prata foram notificados à instituição logo após a sua descoberta em fevereiro do ano passado. Ele disse que lingotes durante o período viking eram usados como moeda de medida por peso e normalmente cortada em pedaços menores. "Ouro é extremamente raro no período viking, mas existiam vastas quantidade de prata... existem muito poucos paralelos para o lingote", ele adicionou.

Descobertas similares foram feitas em Norwich e Lincolnshire, na Inglaterra e nas Hébridas, na Escócia, bem como a partir de um crannog (ilha) em Co Meath, na República. "Seria a minha opinião de que constitui um tesouro", disse ele. O broche delicado é 14 milímetros de diâmetro, foi achado em Lagananny, Co Down, e é datado da Idade Média Tardia (séculos XIII e XIV).

Há cerca de 140 exemplos encontrados na Irlanda ligados à invasão anglo-normanda na Irlanda no século XII. Achados semelhantes foram feitos em Carrickfergus, Co Antrim, e Norfolk, na Inglaterra. O metal em Legananny era de 95% de prata, adicionou o Dr. Ramsey.

A legista determinou que o broche e o lingote constituem um tesouro.

Texto traduzido por André Araújo de Oliveira

Fonte: http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/10146069/Gold-Viking-ingot-discovered-by-amateur-treasure-hunter.html

NOVAS EVIDÊNCIAS DO PASSADO VIKING DE DINGWALL SÃO REVELADAS

Novas evidências confirmando a origem de Dingwall como alicerces de poder Viking estão para ser revelados em um encontro público dessa cidade em Highland ao fim desse mês.

"Respostas excitantes" para questionamentos acerca do passado Viking da cidade serão revelados

Se acredita que o estacionamento de carros de Cromartie em Dingwall seja o sítio de uma "thing", o ponto de encontro do parlamento medieval nórdico. Arqueólogos escavaram parte do estacionamento ano passado. Um relatório da escavação, incluindo os resultados da datação de rádiocarbono, serão apresentados no encontro. O conselho de Highland disse que algumas "respostas excitantes" para questionamentos acerca do passado Viking da cidade serão revelados.

Adiantando o evento da próxima quarta-feira, conselheiros locais declarou: "traçar nosso passado Viking é uma das coisas mais excitantes que já aconteceu em Dingwall". "A investigação arqueológica realmente colocou Dingwall no mapa". O Dr. Oliver O'Grady da OJT Heritage, que foi autorizado pela Dingwall History Society a cavar quadrículas exploratórias no estacionamento, irá apresentar o relatório do que a escavação encontrou.

Outro palestrante será David MacDonald que foi autorizado a proceder com uma investigação histórica de Dingwall como sítio de uma "thing" Viking. Um novo livro, "Things in the Viking World" ("Things no Mundo Viking"), editado por Olwyn Owen, também será lançado no encontro.

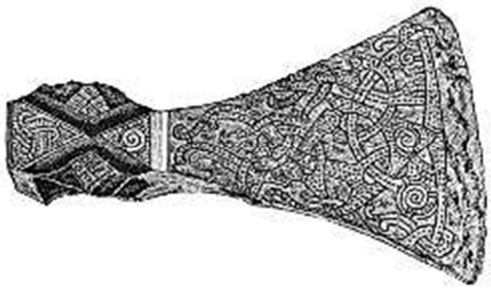
Caça ao Tesouro

Dingwall é uma localidade na trilha dos sítios das "things" no turismo europeu. Fundado pela EU (União Européia), o "Tour Geográfico dos Sítios das Things" envolve a Escócia, a Noruega, a Islândia, as ilhas Faroé e as ilhas de Man. Tem sido descrito como uma caça ao tesouro na qual o visitante usa o GPS e aplicativos de celulares que revelam detalhes sobre os locais. Na Escócia, os sítios das "things" também podem ser encontrados nas ilhas Shetland e Órcades.

O encontro em Dingwall acontecerá no escritório do Conselho de Highland na High Street às 19:00 horas.

Texto traduzido por Pablo Gomes de Miranda

Fonte: http://www.bbc.co.uk/news/uk-scotland-highlands-islands-24111576



NOTÍCIAS DE OUTROS GRUPOS

Valknut – Grupo de Estudos Vikings

O **Valknut** é um grupo de estudos interdisciplinares formado por estudantes de diferentes cursos da Universidade Federal do Ceará, que promove reuniões semanais sempre aos sábados pela manhã, das 09:00 às 12:00 horas, nas quais realiza-se debate de leituras preestabelecidas, além de informes sobre eventos e notícias. O grupo também promove reuniões extras voltadas para atividades sociais acerca do tema, como sessões de filmes, series, musicas, etc. da temática viking.

No início do semestre letivo 2012.2, o grupo recebeu mais quatro membros, que expandiram os horizontes de reflexões dos nossos estudos, pois

trouxeram novas visões e propostas de estudos, além de se empenharem bastante e se tornarem parte fundamental dos encontros. Estes novatos são: Leonardo Guerra (História/UFC), Felipe Moreira (História/UFC), Hellen Bastos (Letras Alemão/UFC) e Ana Luiza Ferreira (Direito/UFC).

Figura 1: Reunião Valknut na UFC.

Figura 2:Sessão Valknut da série: Vikings

Ainda neste semestre, revisamos nossa metodologia para os estudos, pois, anteriormente, quando o grupo era menor e éramos menos experientes, nossas reuniões tinham suas discussões de texto feitas através de uma leitura coletiva, onde cada membro lia determinados trechos e íamos todos tecendo comentários baseados em nossos ralos (e muitas vezes equivocados) conhecimentos prévios. Esta forma de estudo foi ficando inviável e improdutiva devido à lentidão do processo e ao aumento no número de integrantes. Resolvemos então adotar duas novas medidas: a primeira foi uma nova metodologia, que consiste em leitura prévia do texto e a designação de um membro do grupo para liderar o debate, sendo sua função apenas manter a ordem e tentar garantir que todos os pontos do texto sejam debatidos; a segunda foi a seleção de temas e a escolha de um livro para que seja feita a leitura completa do mesmo, separando um capítulo para debate por semana. Dentro desse novo modelo já concluímos o livro da Hilda E. Davidson, chamado "Escandinávia", fechando o tema mitologia. Partimos então para o estudo da pré-era viking e da era viking através do livro "Vikingues: As Origens da Cultura Escandinava" de James Graham-Campbell e, após

concluímos sua leitura, passamos para a obra "A Civilização dos Germanos e dos Vikings" de Patrick Louth.

Também no segundo semestre de 2012, três membros do **Valknut** realizaram apresentações de seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) com temas relacionados ao Ensino de História Medieval. Ricardo Menezes com o trabalho "Os Jogos Eletrônicos como uma ferramenta para o Ensino de História Medieval", Elvio Franklin com "Cavaleiros, Donzelas e Dragões: As Histórias em Quadrinhos como uma ferramenta para o Ensino de História Medieval" e João Paulo Garcia com "Dos *riffs* de guitarra para as tramas da História: o *Heavy Metal* e o Ensino de História Medieval". Os trabalhos tiveram uma apresentação dinâmica e de grande importância para a própria Universidade, pois todos se caracterizam como inovações tanto no campo do ensino de história, quanto no conteúdo dos trabalhos já apresentados na instituição. Seguem anexos ao fim do texto links para acesso aos trabalhos.

Figuras 1, 4 e 5: Elvio Franklin, as professoras na banca Ana Carla Sabino e Meize Lucas, João, Ricardo Menezes e João Paulo Garcia apresentando seus TCCs.

Nos últimos meses, o grupo recebeu mais seis novatos, alguns recém-ingressos no curso de História e outros veteranos de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que assim que souberam da existência do grupo já manifestaram interesse e começaram a participar das reuniões. Isso demonstra a popularidade da cultura e história nórdica, que chamam a atenção dos apaixonados por História, sendo necessário apenas um apoio para que se desenvolvam os estudos escandinavos no estado do Ceará.

Formamos uma comitiva de 7 membros e viajamos à Brasília para participar do X Encontro Internacional dos Estudos Medievais (X-EIEM) que foi de grande valia para o enriquecimento dos nossos conhecimentos, além de nos proporcionar um intercâmbio de conhecimentos e relacionamentos, estabelecendo novos contatos e fortalecendo os laços já criados com os demais escandinavistas e medievalistas brasileiros.

Como leitura atual, seguimos com alguns artigos dos colegas Pablo Gomes de Miranda e Munir Lutfe Ayoub, servindo como introdução para nossa próxima leitura: Deuses e mitos do norte da Europa, de Hilda E. Davidson.

Ricardo Wagner Menezes de Oliveira
rwmenezes@hotmail.com.br
Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará
Fundador do Valknut - Grupo de Estudos Vikings

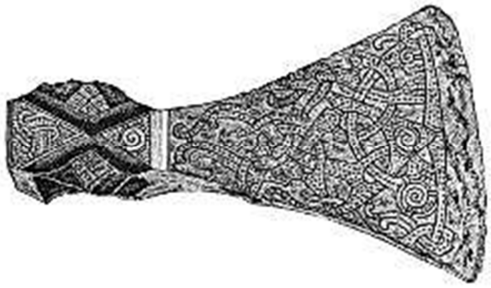
Anexo:

TCC – Ricardo Menezes: http://goo.gl/dxYmJV

TCC – Elvio Franklin: http://goo.gl/jNMrZR

TCC – João Paulo: http://goo.gl/dk0H4W

NEVE



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NO NA:

1. **Ensaios** (artigos de popularização) **e resenhas** (de livros, filmes, músicas e quadrinhos de no máximo dois anos de sua publicação/lançamento): de três a cinco páginas, fonte Book Antiqua 12, espaço 1/5, imagens em formato JPG (máximo de quatro imagens e resolução de 100 dpi), sem notas de rodapé ou final, com título, texto e identificação dos autores e vínculo institucional ao final, fotografia dos autores em JPG (somente para autores de ensaios e entrevistados). Citação no sistema autor/data (sobrenome em minúscula: ano, paginação), bibliografia ao final do texto (máximo de 8 referências).

2. **Entrevistas** (preferencialmente com pesquisadores estrangeiros da área): de três a cinco páginas, mesma formatação do item 1.

3. **Notícias de descobertas ou pesquisas arqueológicas**: texto em português com até 50 linhas, formatação idêntica ao item 1. Notícias de até dois meses antes da data do boletim em vigência.

4. **Notícias em geral**: de participações em eventos, qualificações e defesas na área ou outras notícias pertinentes ao tema (incluindo atividades de outros grupos de estudos escandinavos): até 50 linhas, formatação idêntica ao item 1. Notícias de até dois meses antes da data do boletim em vigência.

Todas as propostas devem ser enviadas para: johnnilanger@yahoo.com.br

Como incluir as publicações do boletim no *Lattes*:

Para ensaios e artigos: seção Texto em jornal ou revista (magazine) (Produção Bibliográfica); *para organizadores de entrevistas, resenhas e traduções*: Outra produção bibliográfica (Produção Bibliográfica). *Para notícias*: Outra produção técnica.

Como citar as publicações do boletim:

CARDOSO, Ciro Flamarion. Beowulf e as estruturas da Escandinávia Pré-Viking (ensaio). *Notícias Asgardianas* n. 44, fevereiro-março de 2004.

LANGER, Johnni. Review of Viking Age Iceland (resenha). *Notícias Asgardianas* n. 44, fevereiro-março de 2004.

LANGER, Johnni. Vestígios de cabelos vikings estão sendo estudados na Inglaterra (tradução). *Notícias Asgardianas* n. 45, julho-agosto de 2004, p. 16.

LANGER, Johnni (Organização de entrevista). Medievalismo e literatura medieval: entrevista com Prof. Dr. José Rivair Macedo. *Notícias Asgardianas* n. 44, fevereiro-março de 2004.

Expediente

NA, Boletim trimestral, ISSN: 1679-9313

Equipe editorial: Johnni Langer, Luciana de Campos, Pablo Gomes de Miranda, Munir Lutfe Ayoub e André Araújo de Oliveira.

Colaboradores desta edição: Ricardo Wagner Menezes de Oliveira

Capa: Pablo Gomes de Miranda.

R454 Catalogação na fonte

NOTÍCIAS ASGARDIANAS – N. 5 (Nova Série).

João Pessoa: PB/NEVE, 2013.

V.: II.

Quadrimensal

ISSN: 1679-9313

1. Escandinávia Medieval – Periódicos. 2 – Idade Média. 3 – Era Viking. I – Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos. NEVE.

CDU 931(05)

NEVE: NÚCLEO DE ESTUDOS VIKINGS E ESCANDINAVOS

Blog: http://neve2012.blogspot.com.br/

Facebook: http://www.facebook.com/#!/groups/gruponeve/

Site: http://ufma.academia.edu/NEVEN%C3%9ACLEODEESTUDOSVIKINGSEESCANDINAVOS